

COMO EU ENTENDO A VIDA FALA III

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

ESPÍRITO NEIO LÚCIO

Valentim Neto - 2014
(Revisão de expressões e notas)
vale.aga@hotmail.com

francisco
cândido
xavier

A VIDA FALA-III

pelo espírito
NED LÚCIO



A VIDA FALA III

O REMÉDIO IMPREVISTO 4

O APRENDIZ DESAPONTADO 6

A LIÇÃO INESQUECÍVEL 8

A Providência Divina possui os recursos e caminhos que lhe são próprios para alcançarmos.

Emmanuel

O REMÉDIO IMPREVISTO

Neio Lúcio

O pequeno príncipe Julião andava doente e abatido.

Não brincava, não estudava, não comia.

Perdera o gosto de colher os pêssegos saborosos do pomar. Esquecera a peteca e o cavalo.

Vivia tristonho e calado no quarto, esparramado numa espreguiçadeira.

Enquanto a mãezinha, aflita, se desvelava junto dele, o rei experimentava muitos médicos.

Os facultativos, porém, chegavam e saíam, sem resultados satisfatórios.

O menino sentia grande mal-estar. Quando se lhe aliviava a dor de cabeça, vinha-lhe a dor nos braços. Quando os braços melhoravam, as pernas se punham a doer.

O soberano, preocupado, fez convite público aos cientistas do País. Recompensaria nababescamente a quem lhe curasse o filho.

- Que todos saibam de minha disposição.

Avisaremos a todos majestade; disse seu auxiliar.

Depois de muitos médicos famosos ensaiarem, em balde, apareceu um velhinho humilde que propôs ao monarca diferente medicação.

- Qual será o preço do tratamento? Perguntou o rei.

- Nada quero... respondeu o velhinho. Desejo apenas plena autoridade sobre seu filho.

O pai aceitou as condições e, no dia imediato, o menino foi entregue ao ancião.

O sábio anônimo conduziu-o a pequeno trato de terra e recomendou-lhe arrancasse a erva daninha que ameaçava um tomateiro.

- Vamos meu filho! Arranque a erva daninha.

- Não posso! Estou doente! — gritou o menino.

O velhinho convenceu-o, sem impaciência, de que o esforço era necessário e, em minutos breves, ambos libertavam as plantas da erva invasora.

Antes do meio-dia, Julião disse ao velho que sentia fome, O sábio humilde sorriu, contente, enxugou-lhe o suor copioso e levou-o a almoçar.

- Sirva-se à vontade, Julião. Disse o velho.

O jovem devorou a sopa e as frutas, gostosamente.

Após ligeiro descanso, voltaram a trabalhar.

No dia seguinte, o ancião levou o príncipe a servir na construção de pequena parede.

- Vamos levantar uma parede disse o velho a Julião.

- Eu não sei.

- Quem não sabe aprende Julião, respondeu o velho.

À tarde sua fome era maior.

Novo programa foi traçado para Julião. Após o banho matinal, cavava a terra. Almoçava e repousava.

Ao entardecer, estudava e a noitinha, brincava e passeava com jovens da mesma idade.

Transcorridos dois meses, Julião era restituído à autoridade paternal, rosado, robusto e feliz. Ardia, agora, em desejos de ser útil, ansioso por fazer algo de bom. Descobrira, enfim, que o serviço para o bem é a mais rica fonte de saúde.

O rei, muito satisfeito, tentou recompensar o velhinho.

Todavia, o ancião esquivou-se, acrescentando:

- Grande soberano, o maior salário de um humano reside na execução da Vontade de Deus, através do trabalho digno. Ensina a glória do serviço aos teus filhos e tutelados e o teu reino será abençoado, forte e feliz.

(Notas:

Quando recebemos um irmão sujeito a um estado obsessivo, e que deseja realmente superar tal situação, recomendamos a ele duas coisas simples: Evangelhoterapia e laborterapia! Ao propiciar estudo e trabalho ao jovem irmão, o ancião apenas aplicou esses princípios, e eles estão na Lei divina! Aquele que se dedica ao trabalho de estudar e fazer, não tem tempo para ‘julgar’ a vida dos outros... Tratemos de fazer o nosso trabalho da melhor forma que pudermos. E teremos uma recompensa? Pela Lei de Deus nós sabemos que o Pai, sempre, nos recompensa em ‘dobro’!)

O APRENDIZ DESAPONTADO

Neio Lúcio

Um menino que desejava ardentemente residir no Céu, numa bonita manhã, quando se encontrava no campo, em companhia de um burro, recebeu a visita de um Bom Espírito.

Reconheceu, depressa, o emissário do Alto, pelo sorriso bondoso e pela veste resplandecente.

O rapazelho gritou:

- Mensageiro de Jesus, quero o paraíso! Que fazer para chegar até lá?!

O Espírito respondeu com gentileza:

- O primeiro caminho para o Céu é a obediência e, o segundo, é o trabalho.

O pequeno, que não parecia muito diligente, ficou pensativo.

O enviado de Deus então disse:

- Venho a este campo, a fim de auxiliar a Natureza que tanto nos dá.

O menino ficou pensativo. E o Espírito convidou:

- Queres ajudar-me a limpar o chão, carregando estas pedras para o fosso vizinho?

O menino respondeu:

- Não posso.

O emissário celeste se dirigiu ao burro: - Você quer ajudar-me?

O animal pacientemente transportou tudo.

O Espírito passou a dar ordens:

- Abramos um caminho.

- Eu não! Disse o menino.

- Ajudarei... prontificou-se o burro.

- Vamos mover o arado. Sugeriu o Espírito.

- Safa! Não quero nada, disse o menino.

- Eu ajudo... apresentou-se o burro

Durante a sementeira, o pequeno repousava e o burro trabalhava.

Abriram um filete de água.

O jovem, cheio de saúde e de leveza, permanecia amuado, choramingando sem razão.

No fim do dia, o campo estava lindo.

Canteiros bem desenhados surgiam ao centro, ladeados por fios de água benfeitora.

As árvores pareciam orgulhosas de proteger os canteiros. O vento parecia um sopro divino no matagal.

A Lua espalhou intensa claridade.

O Espírito abraçou o obediente animal.

- Deus abençoe sua contribuição, meu amigo, disse o Espírito.

O menino viu que o mensageiro se punha de volta, gritou, ansioso:

- Espírito querido, quero seguir contigo, quero ir para o Céu!...

O emissário divino respondeu, porém:

- O paraíso não foi feito para gente preguiçosa.

E o emissário informou:

- Se você deseja encontrá-lo, aprende primeiramente a obedecer com o burro que soube ser disciplinado e educado também.

E assim esclarecendo subiu para as estrelas, deixando o rapazinho desapontado, mas disposto a mudar de vida.

(Notas:

Certamente este é o nosso maior problema atual: ‘queremos o salário, mas não o trabalho!’. Enquanto não ‘domesticarmos’ ao nosso orgulho e egoísmo ficaremos reencarnando por aqui mesmo, nesta Terra que teimamos em estragar! Amanhã voltaremos aqui e vamos reclamar muito dos estragos que fizeram a Terra, mas teremos que nos lembrar, tristemente, de que fomos nós mesmos os causadores desses estragos, e mãos à obra para recuperá-la dos estragos...)

A LIÇÃO INESQUECÍVEL

Neio Lúcio

Hilda, menina abastada, diariamente dirigia más palavras à pequena vendedora de doces que lhe batia humildemente à porta da casa.

- Que vergonha! De bandeja! De esquina a esquina! Suma daqui! - gritava, sem razão.

A modesta menina se punha pálida e trêmula. Entrementes, a dona da casa, tentando educar a filha, vinha ao encontro da pequena humilhada e dizia bondosa:

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A mocinha, reanimada, respondia, contente:

- Foi a mamãe.

A generosa senhora comprava sempre alguma coisa e, em seguida, recomendava à filha:

- Hilda, não brinques com o destino. Nunca expulses o necessitado que nos procura. Quem sabe o que sucederá amanhã?

A menina resmungava e, à noite, ao jantar, o pai secundava os conselhos maternos, acrescentando algo:

- Não zombes de ninguém, minha filha! O trabalho, por mais humilde, é sempre respeitável e edificante. Aqueles que socorremos serão provavelmente os nossos benfeitores.

Mas, no dia seguinte, Hilda fustigava a vendedora, exclamando:

- Fora daqui! Bruxa! Bruxa!...

E a mãe de Hilda sempre acolhia a pequena.

Correu o tempo e, depois de quatro anos, o quadro da vida se modificara.

O paizinho de Hilda adoeceu e debalde os médicos procuraram salvá-lo. Morreu numa tarde calma, deixando o lar vazio.

A viúva recolheu-se ao leito, extremamente abatida e, com as despesas enormes, em breve a pobreza e o desconforto invadiram-lhe a residência. A pobre senhora mal podia mover-se.

Privações chegaram em bando. A menina, anteriormente abastada, não podia agora comprar nem mesmo um par de sapatos.

Aflita por resolver a angustiosa situação, certa noite Hilda chorou muitíssimo, lembrando-se do papai.

Oh! Papai... Meu papai...

Dormiu, lacrimosa e sonhou que ele vinha da Espiritualidade confortá-la.

- Papai... Papai...

- Minha filha!

Ouviu-o dizer, perfeitamente:

- Não desanimes, minha filha! Vai trabalhar! Vende doces para auxiliar a mamãe!...

Despertou, no dia imediato, com o propósito firme de seguir o conselho.

Ajudou a mãezinha enferma a fazer muitos quadradinhos de doce de leite e, logo após, saiu a vendê-los. Algumas pessoas generosas compravam-nos com evidente intuito de auxiliá-la, entretanto, outras criaturas, principalmente meninos perversos, gritavam-lhe aos ouvidos:

- Sai daqui! Bruxa de bandeja!...

Sentia-se triste e desalentada, quando bateu à porta de uma casa modesta. Graciosa jovem atendeu.

- Você Hilda?

- Oh! Eu...

Hilda esperava ser maltratada por vingança, já que era a jovem que noutra tempo vendia cocadas.

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A interpelada lembrou os ensinamentos maternos de anos passados e informou:

- Foi a mamãe.

A ex-vendedora comprou quantos quadradinhos restavam na bandeja e abraçou-a com sincera amizade.

Desse dia em diante, a menina vaidosa transformou-se para sempre. A experiência lhe dera inesquecível lição.

(Notas:

Será que necessitamos ser pisados, para sentir a força do nosso pisão? Como não acreditamos no 'amanhã' que nos aguarda com as suas surpresas, é importante que façamos o melhor e mais seletivo plantio nesta fase. Amanhã poderemos olhar a nossa seara e verificar que ali cresceram as sementes que 'outrora' plantamos. Será do nosso agrado a colheita? Será que são esses os frutos que esperávamos? Será que não relaxamos no plantio? Cada um colherá aquilo que plantou, portanto, não reclame da 'sua' colheita, trate de plantar mais corretamente!)

FIM